

# Caracterização da vulnerabilidade familiar em contexto de exclusão social

Characterization of family vulnerability in the context of social exclusion

*Caracterización de la vulnerabilidad familiar en un contexto de exclusión social*

Maria Inês Amaro Assunção de Melo<sup>1</sup> , Mário Antônio Sanches<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Escola Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Bioética – Curitiba (PR), Brasil

## Resumo

**Introdução:** O artigo é resultado de um grupo de pesquisa que estuda famílias no contexto interdisciplinar da bioética. Família e vulnerabilidade são dois termos distintos que se inter-relacionam: ambos são diversos na observação do senso comum, tanto quanto nas abordagens teóricas. **Objetivo:** O estudo tem por objetivo analisar e caracterizar, em âmbito interdisciplinar, a vulnerabilidade familiar em contexto de exclusão social. Parte-se da indagação: Como as relações familiares são compreendidas em contextos de múltiplas vulnerabilidades? **Métodos:** Trata-se de pesquisa fenomenológica, transversal, descritiva, qualitativa, de amostragem assimétrica, aleatória, com 12 participantes de idade superior a 18 anos em diferentes estágios familiares: jovens não casados, recém-casados, com filhos pequenos, com filhos adolescentes, com filhos que deixaram o lar e idosos. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio do software Iramuteq. **Resultados:** Os resultados foram agrupados em quatro classes: experiência principal; dar valor; coisa ruim; e percepção da realidade, que estão interligadas e interconectadas, ou seja, uma não se sobrepõe à outra. Explicita-se, assim, uma determinada maneira de conceber esta realidade, que pode ser assim evidenciada: família é o espaço social onde se dá a experiência concreta de vínculos incondicionais. O limite de a ela pertencer é testado na postura moral de lhe “dar valor” ou não, espaço idealizado que se contrapõe a um lugar onde se aprende “coisa ruim”, mas que, realisticamente, pode fracassar e reproduzir, ela mesma, as vulnerabilidades que tenta sanar. **Conclusões:** A análise abrange experiências familiares; convivência; histórias de vida; e relações com família, amigos e comunidades. Há fatores imensuráveis como adaptação à rotina, trabalho, finanças, falta de diálogo e os riscos à saúde.

**Palavras-chave:** Exclusão social; Bioética; Fenomenologia.

### Autor correspondente:

Maria Inês Amaro Assunção de Melo  
E-mail: inesamaromelo@gmail.com

### Fonte de financiamento:

não se aplica.

### Parecer CEP:

5.134.533.

### TCLE:

sim.

### Procedência:

não encomendado.

### Avaliação por pares:

externa.

Recebido em: 12/12/2024

Aprovado em: 26/12/2025

### Editora Associada:

Claunara Schilling Mendonca

**Como citar:** Melo MIAA, Sanches MA. Caracterização da vulnerabilidade familiar em contexto de exclusão social. Rev Bras Med Fam Comunidade. 2026;21(48):4637. [https://doi.org/10.5712/rbmfc21\(48\)4637](https://doi.org/10.5712/rbmfc21(48)4637)



## Abstract

**Introduction:** This article is the result of research by a group studying families within the interdisciplinary context of bioethics. Family and vulnerability are two distinct but interrelated terms, both differing in common sense observation and theoretical approaches. **Objective:** The study aims to analyze and characterize, from an interdisciplinary perspective, family vulnerability in contexts of social exclusion. It begins with the question: How are family relationships understood in contexts of multiple vulnerabilities? **Methods:** This is a phenomenological, cross-sectional, descriptive, qualitative study with asymmetrical, random sampling, involving 12 participants over 18 years of age in different family stages: unmarried young people, newlyweds, families with young children, families with adolescent children, families with children who have left home, and elderly individuals. The semi-structured interviews were recorded, transcribed, and analyzed using the Iramuteq software. **Results:** The results were grouped into four categories: main experience, valuing, bad things, and perception of reality, which are interconnected, meaning one does not override the other. This clarifies a particular way of conceiving this reality, which can be explained as follows: family is the social space where the concrete experience of unconditional bonds occurs; the limit of belonging to it is tested by the moral stance of 'valuing' it or not; an idealized space that contrasts with a place where one learns 'bad things,' but which, realistically, can fail and reproduce the very vulnerabilities it tries to remedy. **Conclusions:** The analysis encompasses family experiences, coexistence, life stories, and relationships with family, friends, and communities. There are immeasurable factors such as adaptation to daily routines, work, finances, lack of dialogue, and health risks.

**Keywords:** Social exclusion; Bioethics; Phenomenology.

## Resumen

**Introducción:** Este artículo es el resultado de una investigación realizada por un grupo que estudia a las familias dentro del contexto interdisciplinario de la bioética. Familia y vulnerabilidad son dos términos distintos pero interrelacionados, que difieren tanto en la observación cotidiana como en los enfoques teóricos. **Objetivo:** El estudio tiene como objetivo analizar y caracterizar, desde una perspectiva interdisciplinaria, la vulnerabilidad familiar en contextos de exclusión social. Parte de la pregunta: ¿Cómo se entienden las relaciones familiares en contextos de múltiples vulnerabilidades? **Métodos:** Se trata de un estudio fenomenológico, transversal, descriptivo y cualitativo, con muestreo aleatorio asimétrico, en el que participaron 12 personas mayores de 18 años en diferentes etapas familiares: jóvenes solteros, recién casados, familias con niños pequeños, familias con hijos adolescentes, familias con hijos que se han independizado y personas mayores. Las entrevistas semiestructuradas se grabaron, transcribieron y analizaron con el software Iramuteq. **Resultados:** Los resultados se agruparon en cuatro categorías: experiencia principal, valoración, aspectos negativos y percepción de la realidad, las cuales están interconectadas, es decir, ninguna anula a las demás. Esto aclara una forma particular de concebir esta realidad, que puede explicarse así: la familia es el espacio social donde se da la experiencia concreta de los vínculos incondicionales; el límite de la pertenencia a ella se pone a prueba mediante la postura moral de «valorarla» o no; un espacio idealizado que contrasta con un lugar donde se aprenden «cosas malas», pero que, en realidad, puede fallar y reproducir las mismas vulnerabilidades que intenta remediar. **Conclusiones:** El análisis abarca las experiencias familiares, la convivencia, las historias de vida y las relaciones con la familia, los amigos y la comunidad. Existen factores inconmensurables como la adaptación a las rutinas diarias, el trabajo, las finanzas, la falta de diálogo y los riesgos para la salud.

**Palabras clave:** Exclusión social; Bioética; Fenomenología.

## INTRODUÇÃO

Família e vulnerabilidade são dois termos distintos que se inter-relacionam: ambos são diversos na observação do senso comum, tanto quanto nas abordagens teóricas. O estudo da família no contexto da bioética é marcado pela diversidade de argumentos éticos razoáveis, análises contextualizadas, posicionamento de proteção aos mais vulneráveis e recomendações práticas que não reduzam a realidade familiar a uma única perspectiva. Dito isso, o artigo propõe abordar a realidade fenomenológica da família suscetível a múltiplas vulnerabilidades.

Há múltiplas definições de famílias, que se concretizam por meio de diversos modelos e configurações.<sup>1</sup> O espaço família propicia o estabelecimento de relação ética que difere de outros contextos. Como proposta ideal, as relações familiares tendem a ser inalienáveis, e os espaços concebem o cuidado ético.<sup>2,3</sup> Todavia, os estudos de família nas ciências sociais são compreendidos por contextos históricos, temporais definidos, em que a família é impactada pelas mudanças e transformações econômicas, sociais e culturais.<sup>3</sup> As interações familiares são amplas e concretas: a cultura local, os aspectos jurídicos e

outros elementos socioeconômicos favorecem ou dificultam o estabelecimento das relações. Portanto, a instituição familiar está inserida em determinado contexto social e histórico, logo, “a família não existe sem a sociedade”.<sup>4</sup> Entretanto, as relações de parentesco e seus valores são condições para a convivência social, perenizadas, passadas de geração em geração por “relações genealógicas”.<sup>5</sup> A família constitui ao seu entorno redes de relações estendidas, ou seja, relacionamentos externos com amigos, vizinhos, parentes, locais de trabalho e instituições. As pessoas não se aprisionam nas fronteiras internas à família e, mesmo no interior dela, há possibilidade de valorar as pessoas nas relações de parentesco ou de vizinhança e inseri-las ou não à rede.<sup>6</sup>

A historicidade da família é complexa e não pode ser concluída, pois há características que não são definitivas. A família compreende mudanças estruturais ocorridas ao longo dos anos, em diversas sociedades.<sup>3</sup> Em uma sociedade desigual, todo discurso na área da ética se torna ideológico e precário, quando não assume objetivamente a defesa dos vulneráveis. O conceito de vulnerabilidade surge no campo da saúde, reordenando as práticas de prevenção, promoção com abordagem contextualizada e foco nos aspectos sociais. Da mesma forma, o conceito de vulnerabilidade foi adicionado à palavra sociedade, indicando uma evolução na compreensão da privação e da desigualdade causada pela pobreza. A partir da década de 1990, iniciou-se um esforço teórico para compreender a pobreza e suas consequências, não apenas focando em variáveis econômicas. Essa perspectiva visa incorporar o conceito amplo de vulnerabilidade à política social brasileira, reposicionando a política pública de assistência social.<sup>7</sup>

A vulnerabilidade em diversos estudos epidemiológicos identifica risco à saúde.<sup>8</sup> Desse modo, é conceituada como o estado de pessoas ou grupo que, por algum motivo, têm seu potencial de autodeterminação diminuído – podendo apresentar dificuldades de proteção de seus próprios interesses, por desprovidimento de poder, inteligência, educação, recursos, força e/ou outras propriedades. Em virtude de tal complexidade, o conceito de vulnerabilidade assume as dimensões individual, social, moral e programática.<sup>9</sup>

As vulnerabilidades individuais são características biológicas, emocionais, intelectuais, atitudinais e relativas às relações sociais. A vulnerabilidade social é determinada por fatores culturais, sociais e econômicos que determinam o acesso a bens e serviços. Os fatores podem ser compreendidos pelas relações e situações que se manifestam de acordo com o ciclo vital das famílias, as políticas de assistência social e os aspectos multifacetados.<sup>10</sup>

A vulnerabilidade programática, por sua vez, está relacionada aos recursos sociais necessários à proteção dos indivíduos. A falta de recursos sociais pode colocar em risco a integridade física e o bem-estar psicológico e social das pessoas. A vulnerabilidade depende da combinação de elementos das áreas e está relacionada com as experiências vivenciadas, facilidades, dificuldades de vida e a compreensão das pessoas.<sup>9</sup>

Além das vulnerabilidades individual, social e programática, considera-se também a vulnerabilidade moral, fundamentada em bases teóricas – filosóficas, religiosas, científicas e culturais – com o propósito de excluir, inferiorizar ou justificar a discriminação de pessoas ou grupos.<sup>11</sup> Assim, a vulnerabilidade moral permite estudar os conflitos éticos também nos contextos familiares, pois, não raramente, determinados modelos de família ou características de membros são expostos às situações de maior vulnerabilidade, relacionadas aos processos de exclusão, violência e estigmatização. Considerando os aspectos da vulnerabilidade nessa perspectiva fenomenológica, tem-se a compreensão do ser humano com base na fragilidade, sendo esta a característica fundamental da condição existencial, ainda que seja possível a experiência da vulnerabilidade em diferentes dimensões e com variadas expressões.<sup>12</sup>

Por fim, o objetivo deste artigo é analisar e caracterizar, em âmbito interdisciplinar, a vulnerabilidade familiar em contexto de exclusão social. Baseado neste objetivo proposto, parte-se da indagação: Como as relações familiares são compreendidas em contextos de múltiplas vulnerabilidades?

## MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa fenomenológica, transversal, descritiva e qualitativa. A pesquisa propõe analisar as evidências relevantes, disponíveis e abrangentes das relações familiares na amostra investigada. O método de investigação dos fenômenos está descrito nos resultados de pesquisa, em conjunto com a revisão de literatura, que busca promover a fidedignidade dos procedimentos por meio de processos que asseguram a obtenção do conhecimento.<sup>13,14</sup>

O estudo qualitativo utilizou o *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) como guia<sup>15</sup> e se deu por meio de entrevistas compostas, sendo uma etapa estruturada, utilizando um formulário, e outra etapa semiestruturada. As entrevistas foram elaboradas e validadas no grupo de pesquisa interdisciplinar, composto por pesquisadores, professores e profissionais de saúde. Todos os profissionais eram capacitados, a maioria doutores e com aprofundamento em pesquisas afins. O processo de validação e avaliação do instrumento respeitou os seguintes critérios: clareza, inteligível, linguagem adequada à compreensão; pertinência, capaz de atender ao objetivo proposto, evitando interpretações enviesadas e idiosincrasias; e a relevância da pesquisa, que se propõe a investigar e produzir respostas realistas.

A coleta dos dados foi realizada em clínicas, associações de moradores e nas residências dos participantes – em alguns casos, na presença de familiares –, sendo garantido o critério de cientificidade e fidedignidade dos dados. A característica principal da amostra são famílias em condições de vulnerabilidade, que residiam em periferias das cidades brasileiras. A média de duração das entrevistas foi de 25 minutos, tendo como prerrogativa participantes das seguintes etapas familiares: jovem não casado; recém-casado; com filho pequeno; com filho adolescente; com filhos que deixaram o lar e idosos.<sup>16</sup> No total, foram 12 participantes de faixa etária igual ou maior do que 18 anos. A amostra foi assimétrica, aleatória, sistematizada pelas etapas familiares e extraída do banco de dados da própria pesquisa.

As entrevistas foram gravadas em áudio, posteriormente transcritas na íntegra e tratadas para o software *Interface de R pour Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* Iramuteq (*version 0.7 alpha 2*), onde o conteúdo textual foi submetido à análise lexicográfica. O tratamento de dados da classificação hierárquica descendente, por frequência e relevância de palavras-chave, possibilitou a identificação de padrões e relações textuais, classes e categorias lexicais.<sup>17</sup> Os dados qualitativos da pesquisa expressam a complexidade dos fenômenos, que designam um amplo recurso utilizado para definir procedimentos, e as qualidades concebidas da investigação.<sup>18-20</sup>

O roteiro de entrevista semiestruturada foi composto de 11 questões disparadoras, conforme o Quadro 1.

Os critérios de inclusão caracterizam as diversas etapas familiares e participantes com faixa etária igual ou maior de 18 anos. Foram excluídos participantes com incapacidade de arguição. A pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer n.º 5.134.533. O estudo constitui o caráter voluntário e anônimo, contemplando a anuência dos participantes de pesquisa para as entrevistas.

**Quadro 1. Roteiro de entrevistas**

<b>Perguntas disparadoras</b>
1. Como você percebe a tua família? Fale sobre o que significa família para você, sobre as suas experiências familiares.
2. Quais são as dificuldades e o risco para a tua família? Fale sobre os riscos para o bem-estar da sua família, as dificuldades que a família encontra na comunidade onde você mora, algo que tenha marcado negativamente o histórico da tua família.
3. Quais são as forças e belezas da tua família? Fale sobre os aspectos positivos de tua família, sobre o que favorece ou ajuda na convivência familiar.
4. De que modo você percebe a realidade das crianças na comunidade onde mora?
5. De que modo você percebe a realidade dos jovens na comunidade onde mora?
6. Sobre ser mãe (para participantes da pesquisa que não são mães): De que modo você percebe a realidade das mães na comunidade onde você mora?
7. Sobre ser pai (para participantes da pesquisa que não são pais): De que modo você percebe a realidade dos pais na comunidade onde você mora?
8. Sobre ser idoso (para participantes da pesquisa que não são idosos): De que modo você percebe a realidade dos idosos na comunidade onde você mora?
9. Em relação à alimentação do seu núcleo familiar:
- Há alguma coisa que preocupa ou incomoda a família em relação à alimentação?
- A família tem o hábito de se alimentar juntos ou separados? O que significa esse momento?
- A família cultiva algum tipo de alimento? Se sim, que tipo?
10. Na tua opinião, o que favorece ou dificulta a tua família a ter saúde bucal?
11. Qual a principal meta da família hoje? Fale mais sobre essa meta.

Fonte: Os autores (2024).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da pesquisa está estruturado na classificação hierárquica descendente. A ilação advém das arguições dos participantes, indicadas e estruturadas em quatro classes. Os dados tratados, organizados e extraídos do software Iramuteq representam as formas de palavras, provenientes do *corpus*<sup>1</sup> das classes lexicográficas textuais, indicando 11.985 ocorrências de palavras, distribuídas em 962 formas. Por meio da classificação hierárquica, foram analisados 366 Segmentos de Texto (ST).

Os resultados iniciais levantados correspondem à análise das classes hierárquicas e estão dispostos na Tabela 1.<sup>2</sup>

A análise da classificação hierárquica lexicográfica está baseada nas próprias experiências familiares, em evidências nas arguições dos participantes. Dessa forma, a classificação hierárquica segue a sequência de frequência, de grau de importância das palavras, correspondente às arguições dos participantes. Para tanto, pressupõe o raciocínio lógico das arguições ao examinar as relações familiares em contexto de múltiplas vulnerabilidades.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Corpus: nome atribuído pelo software IRAMUTEQ para análise de textos.

<sup>2</sup> As nomenclaturas indicam, o n- é o número de ST que contém a palavra indicada na classe, ou seja, a importância da palavra no texto, número de vezes. A porcentagem - % é a ocorrência dos ST que contém a palavra indicada na classe e a ocorrência no corpo do texto (*corpus*). O X2- é a associação dos ST, contém a palavra e a classe. O p- identifica o nível de significado associado ao segmento de texto, contendo a palavra e a classe.

<sup>3</sup> O documento organizado no software prioriza o tratamento das arguições, a não repetição de palavras e vícios de linguagem, sintetizando os fragmentos para melhor extração das palavras que representam as expressões das famílias em cada fase. Os aspectos de análise das vulnerabilidades familiares referem a condição atual das famílias, a história de vida, a descrição da fase, o passado, o presente e o futuro das histórias de vida. A escolha das arguições para a análise hierárquica consiste nos critérios de frequência, de proximidade de significados, de razoabilidade e representatividade de expressões de linguagem dos 12 participantes. As narrativas estão retratadas em cada classe por duas arguições que legitimam a representatividade das palavras, apontadas na Tabela 1.

**Tabela 1.** Dendrograma resultante da classificação hierárquica descendente do *corpus* textual.

Classificação hierárquica descendente		Análise lexicográfica			Variável significativa*
Classe	% Classes	Palavra	X <sup>2</sup>	%	
1. Experiência principal	1 (21,17%)	família	101,18	80,00	vulnerabilidade familiar
		principal	55,64	100,00	
		meta	51,42	100,00	
		experiência	46,72	75,00	
2. Dar valor	2 (31,53%)	dar	23,54	73,08	
		coisa	38,04	52,94	
		ruim	35,37	81,82	
		mundo	35,26	66,67	
3. Coisa ruim	3 (16,67%)	lado	24,81	85,71	
		novo	2,37	100,00	
		oferecer	20,37	100,00	
		passar	19,45	56,25	
		ensinar	18,38	63,64	
		jeito	15,61	71,43	
		lidar	15,21	100,00	
4. Percepção da realidade	4 (30,63%)	percepção	136,48	92,86	
		comunidade	132,53	91,23	
		realidade	129,73	89,66	
		ver	22,69	72,00	
		idoso	20,49	77,78	
		escola	18,79	100,00	
		criança	18,32	61,76	
		morar	16,58	83,33	

\*p &lt; 0,0001.

A classe 1, “experiência principal”, agrupou 21,17% do corpus textual analisado, e as palavras que se destacaram e apresentaram um  $p < 0,0001$  e um qui-quadrado (X<sup>2</sup>) maior que 46,72 foram: “família”, “principal”, “meta” e “experiência”. A veemência expressa nesta classe acolhe a lexicografia do conceito de família pela própria experiência cotidiana de convivência. As “experiências principais” são compreendidas pelos participantes pela temporalidade, passado e presente, marcados por lembranças das relações “paternas” e dos “irmãos”. Consideram as experiências anteriores e as interações familiares como “boas” e “não boas”, priorizam o respeito e a convivência. Outrossim, são as referências paternas, as lembranças do vivido passado, o respeito aos “pais”, o tempo psíquico de cada pessoa membro da família. Além disso, entendem as relações como afetivas ou não afetivas; as atitudes, os “costumes”, o grau de parentesco, os aspectos biológicos, os “ensinamentos” familiares marcam as experiências.

Reconhecem que os ensinamentos correm o risco de desaparecer com as perdas/mortes dos pais. Isso pode ser relacionado com vulnerabilidade individual, equivalia das expressões de experiências, de realidades, de afastamento de convivência. Dessa maneira, o distanciamento temporal, o respeito, passa pela lembrança do passado, enquanto as mortes e a falta de relações estendem-se às novas configurações de famílias. A diversidade de diálogo, o compartilhamento de ideias, o respeito aos valores familiares, os argumentos razoáveis, o sentido, a sensibilidade, as vivências são bens comuns,<sup>2</sup> bem

como a partilha de experiência na análise da vulnerabilidade individual considera que há em cada pessoa uma própria maneira de experienciar as relações familiares.

A seguir, apresentam-se dois ST que elucidam a família como espaço onde se vive esta “experiência principal”: às vezes um “porto-seguro”, outras vezes um fator de vulneração, como a dificuldade de se lidar com as vivências familiares que são dinâmicas. Desse modo, mais do que uma instituição social rígida e bem definida, a família surge como “experiência” que o indivíduo não pode congelar no espaço e tempo, pois a experiência é sempre volátil e momentânea.

*A família é constituída em um espaço organizado com muito respeito. Há convivência harmoniosa, não próxima, não juntos, distante. Família, alguns anos atrás, era meu porto-seguro, mas hoje, depois da doença do meu pai, estou repensando esse porto-seguro. Sinto que não tenho mais, devido à distância, porque hoje eu moro em outra cidade, e pela atual situação de saúde do meu pai [...] ele sempre foi o esteio da família (P-3).*

Nota-se que, no âmbito familiar, o tipo de experiência é bem definido: “experiência de vínculo principal”. Desse modo, embora não seja uma experiência duradoura, deixa marcas para a vida toda. Assume-se a consciência de que, mesmo sendo uma experiência particular, o tipo de vínculo que se cria está presente na “maioria das pessoas”.

*A família é uma experiência de vínculo principal, o alicerce afetivo entre as pessoas; com a família, aprende e são transmitidos valores de geração em geração. Os ensinamentos, os costumes são importantes e as experiências, marcantes. Quando falta o pai e a mãe, desestabiliza; e os irmãos, cada um procura o seu modo de viver a vida. A maioria das pessoas vivem isso. Quando o patriarca e a matriarca não estão mais, ou seja, morrem, as coisas se desmancham, não é mais a mesma coisa (P-1).*

Ressalta-se como fundamental que, no contexto de pessoas em condições de vulnerabilidade, a família não se define a partir de estruturas externas e pré-definidas, mas como a instituição capaz de constituir experiência de vínculos inalienáveis. É por isso que a família está universalmente presente<sup>21</sup> em todas as sociedades, se torna ainda mais relevante nas adversidades e será capaz de sobreviver e se adaptar às “transformações econômicas, sociais e culturais mais amplas”.<sup>3</sup>

Nota-se que a classe 1 recolhe as experiências concretas da vida familiar que em algum momento remetem ao que se definiu acima como vulnerabilidade individual e, em outros momentos, aponta que a família pode ser o espaço social onde a pessoa vivencia e estabelece vínculos fundamentais e inalienáveis.

A classe 2 revela o “dar valor”, com a maior percentagem (31,53%) do corpus textual analisado, no qual apenas a palavra “dar” se destacou e apresentou um  $p < 0,0001$  e um qui-quadrado (X<sup>2</sup>) maior que 23,54. Logo, a análise dos fenômenos desta classe 2 do corpus aponta para os fatores econômicos, as dificuldades financeiras e as relações familiares nesse contexto. As relações são compreendidas como frágeis, não sustentam o cuidado próprio e o auxílio necessário aos pais. A lembrança do passado, a boa educação, o respeito e a experiência de vida sustentavam as relações. Atualmente, as relações são entendidas como fragmentadas e dependentes das novas configurações familiares, das novas relações de convivência. A palavra “dar” aparece no sentido de respeito, de grandeza, de “boa” educação. A avantajada pobreza e a falta de recursos materiais na infância, já que “não tínhamos nada” isso, não interferiu na formação humana. A “boa” educação, a “criação” e os ensinamentos paternos foram sólidos e contribuíram para a construção do caráter de integridade e dignidade.

Ainda se aborda o “medo da doença”, a lembrança do passado de sofrimento, as mortes de “pais, marido” caracterizadas como perdas principais, pois são os provedores. Sendo assim, os recursos financeiros e a educação ficam escassos. Ainda, pode-se dizer que a “boa” educação familiar adquirida anteriormente mantém o provimento de cuidado aos filhos menores. E, ao considerar as forças físicas, psíquicas, externas e internas, advém parte da lembrança do passado – e outra pelas necessidades de adaptar as modificações presentes. O apoio financeiro e solidário encontrado pelas famílias provém da própria comunidade. As precárias condições de vida transformam-se em um verdadeiro desafio às famílias para se manterem como instituição de relações de cuidado incondicional<sup>3</sup>. A vulnerabilidade dos determinantes sociais e de saúde é um conjunto de fatores que causam qualquer dano, sendo utilizada como um indicador de desigualdade social e de relevância com populações suscetíveis – e considerando o contexto familiar como um dos determinantes do processo saúde-doença. No entanto, o conceito de vulnerabilidade familiar é amplo e de difícil mensuração, pois está relacionado a múltiplos fatores, como condição de saúde dos membros, renda, educação, dinâmica familiar, entre outros.<sup>22-24</sup>

Os diversos fatores sociais, culturais e econômicos expressam a realidade da vulnerabilidade familiar, entendida pelas narrativas, onde lê-se:

*As dificuldades da família sempre sofrida, de necessidade quando éramos pequenos. Hoje, a gente dá valor às coisas. Meu pai já morreu, mas me ensinou muita coisa boa. Hoje tenho uma experiência de vida, porque tivemos uma experiência anterior. Hoje sabemos respeitar os idosos, sabemos entrar e sair, conversar com pessoas, porque dar-se o respeito é válido em qualquer lugar. Tivemos uma criação muito boa; não tínhamos dinheiro, não tínhamos nada, mas eu agradeço muito pela mãe e pelo pai que tive. Eu sinto muita falta do meu pai. Toda família é assim, não somos unidos, somente na hora que precisam de você. Na verdade, sobra tudo para aquela pessoa que está próxima do sofrimento (P-10).*

Nota-se que a experiência familiar, onde se busca “dar” o devido respeito às pessoas e ao momento presente, é impactada por condições sociais precárias. O propósito de se construir família está presente, mas isso é limitado por condições sociais: “não tínhamos dinheiro, não tínhamos nada”. A experiência da carência, por sua vez, parece resignificar a própria vida, pois passa-se a “dar valor” ao que se tem, à luz da experiência do que se perdeu.

As vulnerabilidades passam por vários segmentos, desde a falta de recursos econômicos, um sistema de saúde precário, até chagas sociais representadas por vícios como drogas e alcoolismo.

*As dificuldades da família... é o medo de doença... meu marido... meu sogro morreu de câncer de intestino... O que marcou foi a morte de meu marido; ele morreu porque bebia muito, morreu de cirrose, tinha apenas 37 anos. Meu menino tinha 13 anos quando ele morreu. Criei todos sozinho; muito sofrido. Se as pessoas não me ajudassem, não sei o que seria; tive até que pegar dinheiro emprestado até que o dinheiro da aposentadoria chegasse. Todos me ajudavam na comunidade, o dinheiro era escasso (P-7).*

Observa-se que esta classe que se expressa no “dar valor” aponta nitidamente para condições de vulnerabilidades sociais extremas como um pedido de socorro. As condições precárias vivenciadas fazem com que as fronteiras da família se tornem flexíveis e fluídas; a família fragilizada pede ajuda, clama pela solidariedade social e busca amparo em políticas sociais. O drama que impacta a família envolve outras pessoas, e é neste momento que as situações de vulnerabilidades sociais deixam também marcas na

realidade familiar. Nesse contexto, as fragilidades sociais e individuais se somam: como uma família vulnerabilizada será amparada por uma comunidade que revela alto índice de vulnerabilidade social?

A classe 3, “coisa ruim”, apresenta a menor percentagem (16,67%) do corpus textual analisado, e as palavras que se destacaram e apresentaram um  $p < 0,0001$  e um qui-quadrado ( $X^2$ ) maior que 15,21 foram: “coisa”, “ruim”, “mundo”, “lado”, “novo”, “oferecer”, “passar”, “ensinar”, “jeito” e “lidar”. Essas palavras revelam os processos de exclusão, estigmatização e violência, e conflitos morais existentes no interior da comunidade onde a família está inserida. A análise lexicográfica expõe os atos humanos como “coisificação”, “personificação” de um “mundo ruim”, como se as narrativas não fizessem parte da própria comunidade onde estão inseridos. Há uma segregação, ou seja, uma separação entre os “lados” estigmatizados: alguns são entendidos como bons e outros, maus.

As narrativas advêm de pessoas pertencentes à comunidade local, mas aparentemente não se reconhecem no próprio discurso; as palavras soam como expressões estigmatizadas. Percebem as crianças da comunidade como quem precisam de “mães”, e os jovens da comunidade como “maconheiros”. A comunidade local é entendida como não promotora de diálogo, de “ensino, de oferta e formas de lidar”. Ao mesmo tempo, expressam as dificuldades financeiras, que podem ser compreendidas por diversos fatores. A fome e a falta de recursos financeiros significam que as crianças estão desprovidas de “mães”. Dessa forma, podem apontar para a falta de políticas públicas na comunidade. Por outro lado, o ambiente hostil é agravado pelo uso de drogas, este sim um fenômeno antigo na história e que constitui um grave problema de saúde pública, com sérias consequências pessoais e sociais aos jovens.<sup>25</sup>

As arguições indicam que a comunidade pode ser um ambiente hostil:

*A percepção da realidade das crianças na comunidade é que precisam de mães, porque parece que não têm. As crianças precisam de banho, de roupa e de comida, porque tem muita gente no bairro passando dificuldade. Conheço gente que passa fome, conheço moças no bairro que usa droga, os filhos ficam com fome, ficam na rua até noite. Criança sozinha, com 4, 7 e 8 anos... A criação é totalmente diferente de outras pessoas. A realidade dos jovens na comunidade é de maconheiro; chamo eles de marginais (P-12).*

Pessoas já marcadas por experiências pessoais de perdas, por ausência de suporte social, aqui são expostas a uma maior vulnerabilidade pela própria comunidade e definidas como marginais.

*As crianças na comunidade ficam mais na rua, parece que os pais não têm amor e cuidado com elas. Vão trabalhar e deixam as crianças jogadas no meio da rua. Aprendem coisas ruins. Não tem nada de bom na rua. Temos que orientar os pais que não podemos deixar as crianças na rua. Eu não tenho contato com adolescente, mas sei que os adolescentes estão muito rebeldes demais; precisam de muita orientação, de pessoas para ensinar o lado bom da vida. Porque os jovens morrem e muitos vivem nas drogas, mas os jovens não chegam perto da gente para conversar, para que possamos falar uma palavra boa. Quando uma pessoa está em uma situação qualquer e procura uma pessoa mais adulto para orientar, ajuda. Os jovens precisam de apoio (P-9).*

Desse modo, esta classe “coisa ruim” apresenta aspectos sutis do que se compreende por vulnerabilidade moral, pois, nesses casos, a própria comunidade local vulnerabiliza ainda mais algumas famílias, elaborando categoria de maior exclusão dentro de comunidades já vulnerabilizadas. As falas apontam

para a responsabilidade das famílias, pois estas abandonam as crianças. Transparece nitidamente que este abandono está relacionado ao fato de que os pais precisam trabalhar. Assim, o perfil da vulnerabilidade a que as famílias se submetem vai se tornando complexo: os pais precisam trabalhar, mas, sem apoio, deixam os filhos sem proteção, aprendendo “coisa ruim”. A realidade se descortina quase como um dilema para esses pais: ou ficam em casa e “falta tudo”, ou vão trabalhar e os filhos são deixados à própria sorte, na rua “de qualquer jeito”, em uma comunidade que também não tem estrutura para acolher e cuidar. As condições de vida das famílias vulneráveis constituem o elemento central das representações sociais. As famílias são marcadas pelo compromisso – do trabalho, do desemprego ou subemprego. Assim, o aspecto econômico das famílias impõe dificuldades de manutenção dos vínculos familiares.<sup>26</sup>

Por fim, a classe 4, “percepção da realidade”, agrupou 30,63% do corpus textual analisado, e as palavras que se destacaram e apresentaram um  $p < 0,0001$  e um qui-quadrado ( $X^2$ ) maior que 16,58 foram: “percepção”, “comunidade”, “realidade”, “ver”, “idoso”, “escola”, “criança” e “morar”. Esta classe 4 do corpus refere-se aos recursos sociais necessários para a proteção das famílias e riscos à integridade e ao bem-estar físico, psicológico e social. Os riscos estão expressos pela condição de doença na família; pelo medo da morte/perda, de não suficiência para os demais membros da família, de faltar recursos físicos e psíquicos, ou seja, alimentos, trabalho, moradia e palavras de condução, apoio e acompanhamentos aos filhos, pais; de não prover o suporte e não conseguir realizar o cuidado necessário. Ao mesmo tempo, revelam as mudanças ocorridas no fluxo do viver, as fases, o passado sem “condição” financeira para “comprar alimentos” e a estabilidade atual da família. As arguições apontam:

*Houve riscos para a família, passamos por momentos difíceis, sobretudo para a minha mãe. Quando ela perdeu a mãe dela, minha avó, foi uma fase difícil para ela. Também teve o cigarro, minha mãe era fumante; para mim, essa é uma parte difícil. A outra fase difícil foi a época em que eu era pequena, para mim e todos os meus irmãos. A gente não tinha condições, contava com a família para comprar alimentos e outras coisas; com o tempo a gente foi crescendo e a vida ficou estável (P-8).*

*As dificuldades e os riscos para o bem-estar da família. Hoje a maior dificuldade da minha família está na saúde: meu esposo tem uma doença autoimune, isso nos consome bastante. Ele está sempre tomando medicamentos, tem época que fica depressivo. Eu vejo isso como um risco para minha família, pois ele é a nossa base. Na comunidade onde eu moro, temos muitos problemas, com assalto crescendo... A gente precisa de mais escolas em tempo integral para colocar as crianças (P-12).*

As narrativas apontam para as vulnerabilidades programáticas associadas aos contextos diversos; “as perdas da saúde” e os vícios como o “cigarro” expressam fatores percebidos pela própria realidade. A dor e o sofrimento das perdas e os estigmas são dificuldades e riscos para a família.<sup>8</sup> Ao mesmo tempo, o desprovimento de bens materiais, o estigma social, a inferiorização das ações pessoais ou grupais revelam a comunidade às vezes próxima e às vezes distante. As vulnerabilidades programáticas integram as fragilidades, as lacunas e as barreiras dos sistemas institucionais de saúde. Os impactos à saúde são amplos e relativos às dificuldades próprias de cada família, associados à adesão aos tratamentos de saúde, entre outros.

A vulnerabilidade e o princípio da equidade em saúde estão atrelados à discussão de justiça social, objetivando homogeneizar as assimetrias sociais, ambientais e econômicas, visando garantir a melhoria efetiva das condições de saúde da população e reduzir as desigualdades.<sup>27</sup> Mesmo assim, ainda há grandes desafios a superar.

## CONCLUSÃO

A pesquisa alcança o objetivo proposto, caracterizando as especificidades das vulnerabilidades familiares, delineando, aprofundando o exame da realidade fenomenológica. Ainda, mantém a fidedignidade dos dados e a originalidade de cada fragmento, sem perder a essência.

O resultado da análise hierárquica lexicográfica das quatro classes é apresentado por múltiplos contextos de vulnerabilidades. As relações familiares são compreendidas pelas “vulnerabilidades”, pelas vivas expressões de linguagens; colhidas das narrativas de famílias, comunidades, mostram as contingências de compreensões e um quadro fluido. As narrativas expressam os fenômenos, o diálogo é o instrumento das relações familiares. As experiências estão relacionadas ao conhecimento, desenvolvimento e relacionamento no âmbito familiar, e as vulnerabilidades são experiências de convivência, nem sempre ligadas ao grau de parentesco. As quatro classes estão interligadas, conectadas, ou seja, uma não se sobrepõe à outra.

Os fenômenos evidenciados na convivência familiar são percebidos pelas experiências, histórias de vida estabelecidas nas relações com a família, os amigos e a comunidade. Obviamente, o vivido nas famílias se difere em vários aspectos, implicados pelos aspectos psíquicos e sociais. Outro fator é o lugar no qual encontram-se as relações de vulnerabilidade familiar: existe uma gama de fatores imensuráveis, os lados opostos do fluxo do viver. Muitas vezes, a família necessita adaptar a rotina de cuidado, trabalho e as questões financeiras. Outrossim, é a capacidade de resiliência das famílias, ou seja, adaptação às diversidades, traumas e outros fatores. As narrativas expõem a força interior, a superação, a resignação e o fortalecimento de cada pessoa, capaz de transformar as experiências negativas em aprendizagem e crescimento próprio. Todavia, mesmo assim, dependendo das situações cotidianas das famílias, podem acarretar falta de diálogo, impor riscos à saúde.

As dinâmicas pessoais, familiares e comunitárias se inter-relacionam, os fatores externos e internos interagem. As famílias vulneráveis sofrem pela ausência de assistência adequada, proteção e amparo social. Na perspectiva bioética, a família prescinde de orientação, ações reais dinamizadas e possibilidades futuras que garantam dignidade e sem estabelecimento de modelos de políticas públicas. Ainda assim, a família pode se recompor, de acordo com sua própria dinâmica, de cuidado e acolhimento. Uma metáfora pode ser proposta, com base na pesquisa: a família nunca se reduz a uma foto – um momento só não a define –, e está mais propensa a ser um filme inacabado ou uma peça teatral em contínua construção.

## CONFLITO DE INTERESSES

Nada a declarar.

## CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

MIAAM: Conceituação, Curadoria de Dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Administração do Projeto, Recursos, Software, Validação, Visualização, Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição. MAS: Conceituação, Curadoria de Dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Administração do Projeto, Recursos, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição.

## REFERÊNCIAS

1. Quintas F. *Família, mulher e gênero*. SP: Letras; 2005.
2. Dessen MA. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicol cienc prof*. 2010;30(spe):202-19. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000500010>
3. Carvalho IMM de, Almeida PH de. Família e proteção social. *São Paulo Perspec*. 2003;17(2):109-22. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392003000200012>
4. Lévi-Strauss C. La Família. In: Lévi-Strauss C, Spiro ME, Gough K. *Polemica sobre el origen y la universalidad de la familia*. Barcelona: Cuadernos Anagrama; 1974. p. 36.
5. Radcliffe-Brown AR. *The andaman islanders*. Cambridge University Press; 2013.
6. Mata NT, Silveira LMB, Deslandes SF. Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância. *Ciênc Saúde Colet*. 2017;22(9):2881-8. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.13032017>
7. Marandola Jr E, Hogan DJ. As dimensões da vulnerabilidade. *São Paulo Perspect*. 2006;20(1):33-43.
8. Sánchez AIM, Bertolozzi MR. Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em Saúde Coletiva? *Ciênc Saúde Colet*. 2007;12(2):319-24. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000200007>
9. Ayres JRCM, Calazans GJ, Saletti Filho HC, França-Júnior I. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: Campos GWS, Minayo MCS, Akerman M, Drumond Júnior M, Carvalho YM. *Tratado de saúde coletiva*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006. p. 375-417.
10. Alves JM, Semzezem P. Vulnerabilidade social, abordagem territorial e proteção na Política de Assistência Social. *Serv Soc Rev*. 2013;16(1):143-66. <https://doi.org/10.5433/1679-4842.2013v16n1p143>
11. Sanches MA, Mannes M, Cunha TR da. Vulnerabilidade moral: leitura das exclusões no contexto da bioética. *Rev Bioét*. 2018;26(1):39-46. <https://doi.org/10.1590/1983-80422018261224>
12. Soczek D. Vulnerabilidade social e novos direitos: reflexões e perspectivas. *Esp Jur*. 2010;9(1):19-30.
13. Galvão TF, Pereira MG. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiol Serv Saúde*. 2014;23(1):183-4. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000100018>
14. Minayo M. O desafio do conhecimento. *Pesquisa qualitativa em saúde*. 9ª ed. rev. e aprimorada. São Paulo: Hucitec; 2006.
15. Souza VRS, Marziale MHP, Silva GTR, Nascimento PL. Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. *Acta Paul Enferm*. 2021;34:eAPE02631. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631>
16. Carter B, Mcgoldrick M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
17. Salvati ME. Manual do aplicativo IRaMuTeQ [Internet]. Planaltina; 2017 [acessado em 09 maio 2022]. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salvati>
18. Bicudo MAV. A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. In: *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. 1ª ed. São Paulo: Editora Cortez; 2011. p. 11-28.
19. Marconi MA, Lakatos EM. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas; 2015.
20. Andrade CC, Holanda AF. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estud Psicol (Camp)*. 2010;27(2):259-68. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>
21. Vila Nova S. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ed. Atlas; 2006. p. 175.
22. Ayres JRCM, Calazans GJ, Saletti Filho HC, França Jr I. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: Campos GWS, Bonfim JRA, Minayo MCS, Akerman M, Drumond Junior M, Carvalho YM, organizadores. *Tratado de saúde coletiva*. São Paulo: Hucitec; 2016. p. 399-442.
23. Ayres JRCM, França Jr I, Calazans GJ, Saletti Filho HC. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia D, Freitas CM, editores. *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 117-39.
24. Ayres JRCM, Paiva V, França Jr I, Gravato N, Lacerda R, Della Negra M, et al. Vulnerability, human rights, and comprehensive health care needs of young people living with HIV/AIDS. *Am J Public Health*. 2006;96(6):1001-6. <https://doi.org/10.2105/AJPH.2004.060905>
25. Marques ACPR, Cruz MS. O adolescente e o uso de drogas. *Braz J Psychiatry*. 2000;22(suppl 2):32-6. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600009>
26. Carinhonha JI, Penna LHG, Oliveira DC de. Representações sociais sobre famílias em situação de vulnerabilidade: uma revisão da literatura. *Rev Enferm UERJ*. 2015;22(4):565-70.
27. Castro-Nunes P, Ribeiro GR. Equidade e vulnerabilidade em saúde no acesso às vacinas contra a COVID-19. *Rev Panam Salud Pública*. 2026;46:e31. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2022.31>